

Disponível em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme)

## **Rebolando com o Magistério: O Professor e as Relações de Gênero no Período Modernista - um estudo de caso sobre Anayde Beiriz<sup>i</sup>**

**Iranilson Buriti de Oliveira<sup>ii</sup>**

“Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus por aí, vinham do angustioso recalque dos ímpetos de minha alma e da obrigação em que estava, de dizer pela metade, aquilo que eu poderia dizer totalmente.”

(Lima Barreto, conforme citação de Anayde Beiriz)

Paraíba. Década de 1920. Entre livros, papéis, textos e imagens didáticas nasce uma professora primária. Não é descendente de nenhuma figura exótica, de nenhum pai cangaceiro, não descende da extirpe de nenhuma "Maria Bonita", mas nasce com o fogo da espingarda queimando-lhe os miolos, derretendo-lhe o juízo. Rasgando o verbo da tradição, surge à cena paraibana Anayde Beiriz, numa época que oferece terreno propício às idéias e aos movimentos denominados pela historiografia tradicional de "progressistas" ou "revolucionários". O cenário nacional assiste a emergência dos intelectuais ligados ao Grupo Modernista de São Paulo que, com suas idéias vanguardistas, renovam o campo cultural proposto pela Semana de Arte Moderna de 1922. A sociedade brasileira assiste a um processo de transformação da mentalidade sexual que, embora lento e ainda tímido, assusta, pois muitas certezas em torno do sexo e da sexualidade são postas de ponta à cabeça. É um momento delicado, principalmente para as cidades mais provincianas, como Parahyba, que vivem um momento de tensão política e de transição para uma nova cartografia político-eleitoral.<sup>iii</sup>

Para essa sensibilidade Modernista, a vida mudou, a sociedade está incorporando novas territorialidades sentimentais e a maneira como macho e fêmea se tocam, se apresentam e se seduzem não faz mais sentido. Homem e mulher “*estão sendo vividos no corpo de um outro jeito, cuja linguagem apenas começa a se esboçar. Isso tem deixado homens e mulheres desorientados e sozinhos*”(Rolnik, 1998:69), sendo comum que muitos neguem a intensidade das mudanças que o seu corpo está vivenciando. Com o aparecimento das novas estéticas no domínio das artes, assistiu-se a uma explosão de valores culturais, pondo em risco o “reinado do moralismo” (Nova, 2000:2). A sensibilidade modernista contribui para o processo de desterritorialização de subjetividades e de construção de novos territórios, tendo contribuição das transformações urbanas, da influência estrangeira, da conquista de determinados espaços públicos para a mulher. A burguesia se deslumbrava com o progresso tecnológico, embora não estivesse habituada à ruína moral que esse progresso pode provocar. Anayde Beiriz, captando formas e conteúdos desse movimento, denuncia o isolamento e a humilhação a que eram submetidas as mulheres, “*vivendo sob leis francamente patriarcais*”.

Nasci  
Nasceu  
Cresceu  
Namorou  
Noivou  
Casou  
Noite nupcial

As telhas viram tudo  
*Se as moças fossem telhas não se casariam*<sup>iv</sup>

O corpo de Anayde Beiriz é educado para a obediência, disciplinado para a submissão. Numa capital ainda inexpressiva para a época (Parahyba do Norte-PB), Anayde cresce e torna-se uma mulher. É mulher, e enquanto tal, tem seu corpo e a sua mente trabalhados pelos pais, José da Costa Beiriz e Maria Augusta, para ingressar na única carreira digna de uma mulher nesse contexto: o magistério. Estuda na Escola Normal da Parayba, torna-se uma brilhante aluna e uma promissora formanda no ano 1922. Mas há no corpo de Anayde uma marca definidora de sua identidade: é arrelhiada, extrovertida demais para uma época em que o corpo da mulher é trabalhado para a resignação, para a introspeção. Seus desejos e necessidades de ser uma mulher independente estão em discordância com o que é culturalmente aceito para uma jovem nesse período que vivia *"comprimida dentro dos acanhados limites de uma sociedade governada por grupos oligárquicos de mentalidade agropastoril"* (Joffily, 1980:15) Anayde não dá lugar ao que a sociedade pensa ou deixa de pensar ao seu respeito. Trabalha seu corpo, sua subjetividade, promovendo um sentido para sua vida, ao mesmo tempo que promove dúvidas, que aspira desejos desviantes da norma e provoca desajustes dos sujeitos em relação à tradição, à voz do pai, ao lugar que se espera que o feminino ocupe na história. Através de discursos, de cuidados físicos, de roupas extravagantes, vai inscrevendo em sua cartografia sentimental marcas de identidades, signos de diferenciação, produzindo enunciados e textos que mostram sua insatisfação quanto ao projeto de vida que a cultura tradicional-oligárquica reservou para a figura da mulher. Com essa atitude, Anayde Beiriz constrói determinados contornos em torno de si, demarcando fronteiras *"entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens"* (Louro, 1999:15).

O território de liberdade construído por Anayde estremece até mesmo o seu amante, João Dantas. Filho de Franklin Dantas, sertanejo de sangue quente e de veia tradicional, "Dantinhas" não se conformava com determinados impulsos da sua "professora-quenga", habitante de uma sociedade em que, quase sempre, para ser revolucionário era necessário ser homem. Política não é coisa pra mulher. Sufrágio não rima com fêmea. João Dantas se incomodava, como a sociedade em que estava inserido, com a presença feminina no cenário público, discutindo assuntos que, historicamente, "só diziam respeito ao homem". Para "Dantinhas", o corpo feminino se tornava, paulatinamente, um medo e uma atração. Por que João Dantas não admitia que a "professorinha" falasse em política? Porque, tradicionalmente, política é feita por machos e quando a fêmea adere a essa questão pode desestabilizar o território ocupado historicamente por homens. E o homem, na sua condição de forte e dominador, tem medo de que o seu território seja invadido por personagens que podem provocar disfunção, pois, cada vez que um homem é abalado pela disparidade entre os planos, *"a reação mais comum é tomar o mal-estar que esse abalo mobiliza como sinal de alarme anunciando o perigo de desagregação – um verdadeiro calvário"* (Rolnik, 1998:65)

Mas por que tanta repressão moral em torno de uma professora? Por que a família paraibana se preocupou tanto em demarcar limites para Anayde Beiriz, a ponto de não aceitá-la como professora de seus filhos? Porque Anayde, acima de tudo, é professora, e, enquanto tal, o seu corpo deve ser trabalhado e disciplinado para a não-transgressão, para ser uma mãe de filhos em idade escolar, para negar a sua sexualidade em nome de uma maternidade. A escola aplica em seu corpo a *"pedagogia da sexualidade"*, vigiando seus passos, controlando seus impulsos, punindo suas transgressões. O corpo da mulher era trabalhado para o não-prazer, para o silêncio sexual, disciplinado desde cedo para negar o gozo, o prazer, a erupção sensual. Controladas como em um *panoptico*, a mulher vivia enclausurada dentro de si mesma, com olhos enxergando os seus passos em todos os lugares:

*... até o corpo das alunas estava sob suspeita de pecado contra a castidade. Durante o banho, em chuveiros individuais, as meninas internas eram obrigadas a usar timão. Promiscuidade era sintoma de pouca vergonha* (Joffily, 1980:20)

A produção de uma professora é, como sabemos, um objetivo presente em nossa sociedade ocidental. A invenção do professor não inclui apenas "disciplinas" escolares comuns às

licenciaturas (metodologia do ensino, didática, psicologia da aprendizagem, história da educação), mas, acima de tudo, "disciplinas" do corpo e da mente que objetivam formar um determinado modelo de ser mestre, daí ele ter que entrar, muitas vezes, no "ensino normal", já que o anormal, patológico, não forma uma identidade do ser professor, não trabalha a postura do corpo, as regras de dar aula, a prática pedagógica. A identidade do ser professor é forjada em "disciplinas" escolares (em que o estudante do "normal" ou das licenciaturas, é ensinado, medido, avaliado, categorizado, rotulado...) e em "disciplinas" do corpo (posturas, técnicas, entonação, vestuário...). É criada, portanto, uma série de estereótipos para a professora: materna, educada, cuidadosa, dedicada... A construção desses estereótipos estava quase sempre permeado de um tom moralista e tradicional, recheado pelos padrões rigidamente instituídos nas tradições conservadoras da "moral brasileira". Mas, para entendermos melhor essa estereotipia, é necessário recorrermos

*...aos modos de ser e de pensar lineares, hierárquicos e binários, fortemente predominantes na produção de conhecimentos e nas relações sociais da cultura ocidental, até mesmo para poder criticar e perceber novas formas de constituição das identidades que ultrapassam e contestam esses estereótipos* (Viana, apud Bruschini, 1999:326)

O professor é produzido socialmente e culturalmente para assumir uma postura dócil, lucrativa, discreta, gentil, amável; disciplinado para suportar o cansaço cotidiano, os gritos e histerias dos alunos. Na constituição da identidade do ser professor, há uma série de conflitos, de tensões que se verificam dia após dia. A construção dessa identidade docente não é, portanto, um dado natural, uma propriedade peculiar, um produto. É, a saber, um lugar de conflitos, de lutas, de discussões. É um território de intrigas.

O professor deve utilizar códigos de diferenciação, distintivos que lhe acusem que é um professor capaz de viver em coerência com o padrão ético e estético que a cultura inventou. Ser um "professor de verdade" é responder cotidianamente a um modelo que a sociedade forjou: vestir-se sobriamente, não usar maquiagem exagerada e andar sempre acompanhada por outras "mulheres de bem", para diferenciar-se da "mulher perdida", da "mulher da vida", da "quenga desvairada" que pode botar a "mulher direita" na perdição. Aliás, o padrão moral exigido para a professora requeria um certo isolamento social e uma dedicação exaustiva às tarefas pedagógicas, enclausurando o corpo do professor nas redes de um saber punitivo porque classificatório, que segregava a professora aos espaços ocupados pela mãe. E nessa construção de uma identidade social, a identidade de gênero também é trabalhada, pois a escola utiliza uma série de tecnologias do controle corporal que pretendem o auto-disciplinamento, visam a vigilância do sujeito sobre si mesmo, evitando manifestações impulsivas que possam "borrar" a sua identidade, a sua reputação e ferir o distintivo (farda) da escola em que trabalha. O próprio professor contribui, cotidianamente, para reforçar essa imagem construída pelo poder/saber, quando se lança exaustivamente às tarefas pedagógicas e deixa de lado a economia do prazer e a geografia dos desejos. O professor sedutor ameaça a estabilidade familiar e a preservação dos bons costumes sociais, ferindo, também, a disciplina didático-escolar. Daí não ser "*qualquer uma*"<sup>v</sup> que poderia assumir essa responsabilidade, mas uma criatura modelada esteticamente e politicamente pela moral cristã e burguesa:

*Os padrões morais de julgamento dos comportamentos sociais das professoras pelas próprias colegas sinalizavam a identificação destas com os ideais das camadas médias, de onde provinham em sua maioria, distinguindo-as de outras mulheres trabalhadoras, como por exemplo, as operárias. As professoras da década de 30 viam-se como parte de um escol do trabalho* (Vidal, apud Bruschini, 1999:295)

E quanto à identidade de gênero e à identidade sexual? Como o corpo do professor é trabalhado para enfrentar essa realidade?

Mais uma vez, há uma série de investimentos aplicados no cotidiano escolar, nas "escolas normais" e em muitos cursos de pedagogia que objetivam silenciar o erotismo e o eros na sala de aula. Anayde Beiriz não foi aceita no colégio enquanto professora porque, socialmente e pedagogicamente, ela "feriu" as normas estabelecidas pela direção escolar. Ela foi negada

porque mostrou que tem um corpo que pensa, que sente prazer, que está conectado à mente. No rebolado da professorinha estavam presentes marcas de uma identidade sexual que eram rejeitadas pelas "assexuadas" diretoras e professoras daquela instituição disciplinar. Na década de 1920, quando o Nordeste brasileiro assistia assombrado a ameaçadora presença da modernidade a estraçalhar os "bons costumes" tradicionais, a presença de uma mulher-professora disfuncional era vista como uma ameaça. A modernidade chega intensificando as misturas de costumes e ameaçando pulverizar as identidades arqueologicamente demarcadas. Eis aí o medo da perda dos referenciais do passado!

A sociedade paraibana, portanto, se fecha em torno de uma identidade fixa, com temor que esta desapareça e dê lugar a identidades flexíveis, modernas, que "*mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade*" (Rolnik, 1997:20). Nesse momento, era perigoso uma abertura para o moderno, pois isto podia significar um envolvimento com o estranho, com a desestabilidade. Anayde, sendo um desses canais do novo, é descrita como um ser aterrorizador, que pode despersonalizar a mulher de família. A modernidade, ao mesmo tempo que lança luzes de liberdade, lança crises de identidades fixas, arqueologicamente conservadas no passado histórico.

Na instituição escolar, havia fórmulas prescritas que definiam o padrão de um "bom" professor. Uma teia de enunciados e textos vai produzir com regularidade um padrão estético de referência, discriminando as posições marginais, que fogem à regra, e elogiando o "normal", fixando-o como socialmente aceito. Com um comportamento arreliado, Anayde é riscada do rol das "boas professoras", do padrão de referência. Ela é negada, tendo a sua cartografia sentimental marcada como transgressora, pois não se sujeitou às fórmulas morais do seu contexto. Mesmo treinada no contexto escolar, essa professora não anulou seu corpo e seus prazeres, contrariando os demais mestres e diretores, também treinados para que, ao entrarem na sala de aula, estejam determinados a apagar o corpo e se entregarem à mente, demonstrando através de suas atitudes que a paixão não tem lugar no contexto escolar. A escola treina os professores para que sejam "espíritos descorporificados" (Hooks, 1999:115). Assim sendo, um corpo erotizado na sala de aula representa um perigo em eminência, um fogo desastroso que pode incendiar os corações dos alunos e destruir os códigos morais fixados para esse território do pensar e não do prazer. Portanto, um professor com esse estereótipo, é visto e dito enquanto um criminoso da educação. Nesse sentido, afastar esse corpo da escola, como aconteceu com Anayde Beiriz, é reafirmar os códigos de moralização sócio-educacional, de um espaço representado pela neutralidade sexual, estampado de normalizações convencionais. Desde o século XIX que a sexualidade emergiu como uma fonte de preocupações, requerendo soluções rápidas. Para Giddens (1993:33), "*as mulheres que almejavam prazer sexual eram definitivamente anormais*". E uma professora, instruída na arquitetura de uma escola normal do início do século XX, não podia fugir à regra.

Mas, desde cedo, Anayde Beiriz foge às normalizações, às convenções estabelecidas socialmente. Negligencia os grilhões que lhe prendem e produz um modo de vida desvencilhado do *status quo*, ensinando com sua postura que a história não pode ser enxergada como uma unidade e que ela (a história) não possui princípios unificadores de organização e de visibilidades. Portanto, Anayde representa um episódio preciso de transição histórica dos anos 20 no Nordeste, cujo caráter pode ser identificado como uma paulatina mudança de mentalidade. Para isso, o contexto histórico-social oferece-lhe o terreno mais favorável às idéias e aos movimentos ditos progressistas. Estamos no tempo em que João Pessoa torna-se governador do Estado da Paraíba através da Aliança Liberal (1928-1930). A sua ascensão ao poder do Estado foi o grito de revolta que ecoou no sertão.

João Pessoa e Anayde. Vidas que se cruzam em comícios, em festas populares. Não são íntimos nem colegas. São corpos que viveram um mesmo momento histórico para escreverem uma hermenêutica de si; para mostrarem o conservadorismo e a dupla moralidade comum nesse "território de revolta". João Pessoa quer fechar as porteiças e cancelas para a produção do sertão não escoar para Pernambuco. Anayde quer escancarar as suas próprias porteiças que o peso da tradição as conservou fechada a vida inteira. João Pessoa escreve seus discursos de moralização, de repúdio às falcatruas, à sonegação de impostos. Anayde escreve seus poemas que deixarão a sociedade estarrecida, sem acreditar que do punho de uma mulher saiu tanta coisa "desmoralizada", tanto enxerimento. O discurso de João Pessoa

escracha os sonegadores de impostos. O de Anayde Beiriz escracha os sonegadores de amor, de paixão, de liberdade. João Pessoa é a história, é a lei funcionando no brilho de um nome, na glória de um deus. Torna-se o exemplo de moralidade e, desta forma, torna-se o governo feito lei, funcionando no brilho de um nome nacional, espécie de elemento pelo qual os dispositivos de poder ficam cada vez mais fortalecidos. Anayde é a contra-história, oposição à história oficializada. É a contra-regra, mergulhada na sombra da servidão patriarcal, em que o saber e o intelectualismo devem ser secretos e, quando esse discurso de saber é violado e decifrado, torna-se uma declaração conjunta de rebelião e de impropério. João Pessoa é o poder fundador e fiador da ordem<sup>vi</sup>, veiculando seus discursos pela obrigação, pelo juramento, pela lei. Anayde é a disfunção do poder patriarcal e da ruptura com a tradição. João Pessoa é o poder sem sexo, cuja “beleza viril” deve ser apenas “*contemplada à distância e seu corpo, segundo o imaginário social, pertencia a todos*”, alimentando o modelo do político íntegro “*habitado por uma estética generosa, que fazia dele tanto um cavalo alazão bem adestrado e dotado, como um anjo gótico vacinado contra o vírus da tentação*”(Lins, p.105). Anayde é o sexo sem poder, cujo corpo drogado de gozo e permeado pelo prazer da liberdade sexual, foge a qualquer imaginário de mulher íntegra e adestrada pelas rédeas da submissão. João Pessoa governa pela lei. Anayde governa pela persuasão, pela suavidade, pelas carícias. A cor da Aliança Liberal é vermelha como a modernidade. A cor dos trajes de Anayde é encarnado como o pecado, como a modernidade pecadora e corruptora. Personagens distintos, mas que fazem parte de um mesmo enredo. Vidas que se cruzam discursivamente. O governador quer conquistar o coração do paraibano, principalmente do sertanejo rebelde. A professorinha sexualizada quer conquistar João Dantas, o sertanejo quente que se embriaga no cachimbo da paixão de Anayde. João Pessoa quer ganhar a simpatia do Brasil para ganhar as eleições presidenciais juntamente com Getúlio Vargas. Anayde quer ganhar a liberdade que foi, historicamente, castrada da mulher e, em companhia do advogado João Dantas, põe um “cristel de pimenta<sup>vii</sup>” no vaso da sociedade paraibana, cristel esse que arde aos excessos e faz queimar o interior de uma família burguesa e de dupla moral, minando por dentro o comportamento que a visão tradicional pensava eterno. Mas o cristel também acende o fogo da revolta contra essa professora de “baixo calão”, como era definida pela “casta” família paraibana dos anos 20. Estado, família e desenvolvimento não rimavam com “depravação”. Se “João Porteira” foi o estopim da Revolta de Princesa, Anayde também foi o estopim de uma revolta silenciosa, que ardia-lhe o peito e era expressa em seus escritos:

*Elevemos a mulher ao eleitorado; é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada. Em vez de a conservarmos nesta injusta minoridade, convidemo-la a colaborar com o homem na oficina da política. Que perigo pode vir daí? (Anayde, apud Joffily, 1980:43)*

Enquanto Anayde olha para o futuro, enxergando em si uma mulher à frente de suas contemporâneas, João Pessoa projeta-se para o passado, para o saudosismo, para o “paraíso perdido”. Passado e presente saltam aos olhos do presidente da Parahyba. Presente e futuro saem dos lábios da professora “rebelde” que só conseguira emprego, após sua “exclusão” da Escola Normal, na Escola de Pescadores da Colônia Z2, para alfabetizar adultos, em Cabedelo-PB

É assim, em meio às brigas entre liberais e perrepistas que surge, na década de 1920, a professora Anayde, apresentando à formação discursiva tradicional, o espetáculo da cor, da transgressão, da violação dos costumes. Traz uma nova linguagem metodológica através de sua roupa, de seus trejeitos, de sua postura. Cor e exotismo trazem então à sociedade “pacata” do Nordeste um brilho de quenga, um *glamour* de cocote. Com sua violação, a professora faz de seu corpo um templo amaldiçoado, uma babilônia corrompida, reunindo num só corpo a licenciosidade sexual, a imoralidade, a prostituição. Olham para a professora rebelde e a observam como se fosse a figura bíblica de Jezabel, com suas pinturas arrogantes e provocadoras, com seu andar sedutor e malicioso. É um templo sujo que ao mesmo tempo que repugna, fascina, seduz. É uma fonte de água impura que a modernidade jogou molhando a cabeleira da tradição. Que banho!

No seio de uma conjuntura de primitivo código de honra, “*configurado por um princípio ético de que, a mulher, a pretexto de ser ‘bem protegida’ deveria se portar como criatura passiva e assexuada*”(Joffily, p.36), Anayde chegava para desengatar os colchetes do seu corpete e atirar para o lado os grampos que lhe prendiam à tradição como um corpo que não fala, que

não resmungava. Trabalha o seu corpo, a linguagem de suas posturas, de seus trejeitos. Escancara uma nova subjetividade, ao ser uma das primeiras moças com diploma de professora a andar desacompanhada nas ruas, a usar o cabelo com corte “*a la garçonne*” e a abandonar as cativeiras saias que “varriam a rua”. Quem já viu uma mulher séria andar sozinha na rua? Com certeza, esta foi uma das perguntas mais fuxiqueiras que lançaram em torno da figura de Anayde, pois, até então, a mulher desacompanhada na rua precisava ter muito cuidado com quem conversava, onde entrava, como se comportava, como se produzia. Só a figura do homem no espaço público era percebida positivamente, “*através da imagem do trabalhador e do político, segundo o ideário liberal*” (Rago, 1991:39). Porém, Anayde não levava em conta o que os fuxiqueiros sociais pensavam e diziam acerca da sua personalidade “escorregadia”. Essa sua subjetividade é peculiar de uma diferença emergente, através da qual novos territórios são traçados e novas cartografias sentimentais são elaboradas. Mas nessa produção de diferenças, Anayde sente-se um sujeito moderno desterritorializado, habitando uma esfera cartográfica carregada e perigosa, “*como que perdida numa terra desconhecida sem no entanto sequer ter saído do lugar*” (Rolnik, 1999:64). Sozinha, essa jovem professora sente-se desencaixada no tempo e no espaço, deslocada das relações sociais locais, desintegrada e desconectada do meio em que vive, pois, por trás dessa “liberdade” sexual e autonomia individual em que vivia, a dominação masculina ainda continuava funcionando como motor da história. A mulher continua sendo vítima das teorias científicas do século XIX, que circunscreveram um lugar de inferioridade intelectual e do governo da razão para a figura feminina.

Trava-se, portanto, entre Anayde e as mulheres de sua época, uma guerra de identidades, em que se desenham certas composições ao passo que outras se desfazem. Segundo Kehl (p.12), a falta de certezas universais, comum na cultura de cunho tradicionalista e paternalista, “*exige que o indivíduo se afirme como centro de suas próprias referências*”, de sua própria identidade moderna. Nessa guerra de identidades há, também, uma “guerra santa” da família paraibana para exorcizar todo aquele que ousa experimentar uma diferença rebelde. Nessa guerra, Anayde teve o seu corpo e a sua sexualidade “rebeldes” negados, exorcizados e supliciados pelo veneno da tradição e da dupla moral patriarcal. Por que tudo isso ocorre? Porque assumir uma subjetividade moderna num contexto que ainda não o é, assemelha-se “*a estar a bordo de um carro de Jagrená em disparada (...) a estar num automóvel a motor cuidadosamente controlado e bem dirigido*” (Giddens, 1991:59). Anayde passou a ser definida como uma “mulher perdida”, assumindo um papel à margem da sociedade “respeitável”, pois esta não contactava com mulheres que fugiam à norma, que desprezavam a virtude, que recusavam a proteção institucional de um namoro com acompanhante e com decoro. Nisto percebe-se a aversão social aos desviantes da norma, pois a sociedade instituiu lugares bem delimitados às mulheres “honestas” e às mulheres “perdidas”. Anayde parece sentir-se condenada a viver num espaço entre categorias ditadas pela dominação masculina, “*num contexto histórico e político em que a família nuclear burguesa já era o modelo difundido e a pureza social ainda era o discurso em pauta*” (Souza, 2000:5). Porém, ao sustentar esse estereótipo em relação a sua sexualidade, Anayde contribuiu para uma relativa desconstrução do modelo de família e de mulher até então louvado e predominante.

Ninguém melhor que essa mulher para descrever com os seus poemas os abismos e as seduções que os tempos arreliaados da modernidade oferecem. Anayde torna-se, paulatinamente, a encarnação do verbo modernizar, provocando desestabilidades na educação familiar que já estava cansada pelas mutações anteriores, pelas crises da sociabilidade patriarcal que tanto Gilberto Freyre enfatizou. As atitudes de Anayde dão a impressão de que está havendo um esmagamento do *pater familias* e da maternidade como era pensada. A família, mesmo numa economia liberal ancorada na propriedade privada, possui uma grande importância histórico-social, pois, segundo Donzelot (1986:53) pode “*constituir um modo eficaz de afastar os perigos que planavam sobre uma definição liberal do Estado*” e conter a insurreição “*dos indivíduos contra o arbítrio do poder familiar – ameaçando corroer essa frágil e decisiva muralha contra uma gestão estatal e coletiva dos cidadãos*”. Anayde é, portanto, o monstro moderno, de impacto destruidor. Mostra com o seu comportamento, acima de qualquer coisa, que a identidade estereotipada da mulher nordestina, circunscrita num território dominado por homens “cabra da peste” que lavam a honra com o sangue do transgressor, não é tão fixa como se pensava. Pelo contrário, o seu comportamento atesta a fragmentação dessa suposta identidade imóvel, fixa no passado e na história, e mostra o dilaceramento do

estereótipo de mulher-submissão, da mulher-docilidade presente no discurso regionalista-tradicionista e bastante defendido por Gilberto Freyre (seu idealizador), José Lins do Rego, Mário Sette e outros regionalistas.

A escrita do corpo dessa nova subjetividade feminina oferece sensações singulares, embriagadoras, debilitantes. Provocam ruídos e odores no homem modelado pelo escopo da tradição. A mulher que corta o cabelo *à la garçonne* é semelhante a um sol avermelhado e penetrante, que causa medo e espanto, mas que, na realidade, é um disfarce para reagir a todas as violências praticadas contra o seu corpo, momento para inscrever na história uma outra subjetividade, uma outra espacialidade da identidade feminina. Mas nada disso acontece com tranquilidade, mas com perturbações, pois a mulher delinea uma nova geografia do prazer, uma economia do desejo até então não revelada em público por uma profissional do magistério, mas apenas por prostitutas. Com tudo isso, a mulher passa a ser percebida como o perigo eminente, como o espantalho temido nos anos de crise de paternidade e de masculinidade regional, pois escapa dos “segredos” familiares, foge do padrão assexuado para mergulhar nas vibrações do gozo e do sexo. Começa a surgir uma consciência de ruptura que não havia sido identificada até o momento, arranhando a unidade e a legitimidade familiar. Eis aí o grande perigo, pois o problema reside na transformação familiar e não em sua conservação. Se fosse o caso somente de preservá-la contra as novas subjetividades arreliantes e provocadoras, “*sua história seria da pura e simples defesa dos privilégios que ela consagra*”(Donzelot, p. 54) e, seu perfil, o da dominação sem disfarce de um gênero sobre o outro.

Com esse comportamento fora de série, Anayde torna-se a contra-história que dissocia a unidade e quebra a continuidade do passado:

Ela[ *a contra-história*] deixa patente que a luz – o famoso deslumbramento do poder – não é algo que petrifica, solidifica, imobiliza o corpo social por inteiro, e, por conseguinte, o mantém na ordem, mas é, de fato, uma luz que divide, que aclara de um lado, mas deixa na sombra, ou lança para a noite, uma outra parte do corpo social. (Foucault, 1999:81-2)

A sociedade nordestina assiste escandalizada à publicação de poemas e de discursos feitos por Anayde e o seu amante, João Dantas, publicados no jornal *A União*, após 26 de julho de 1930. No discurso da professora há uma problematização acerca da opressão ao modelo de comportamento ocidental em que a mulher era concebida como um objeto assexuado. Seu discurso questiona as formas econômicas, políticas e culturais de opressão às mulheres e procura escrever uma nova escrita para o corpo feminino e para as pulsações do seu desejo. O corpo de Anayde era um texto que queria transformar o presente, libertando-se do passado enclausurado na memória estática e que emperrava o compasso da história, ao mesmo tempo que impedia a liberdade feminina. O sexo, visto como um segredo da alcova, é celebrado nos escritos da professorinha. A cada discurso nascia uma nova imagem da mulher-professora-quenga que abre as pernas para um advogado perrequista e “*com sangue de cangaceiro nas veias*”, conforme acróstico feito por ele e por Anayde:

### **MEU SANGUE<sup>viii</sup>**

*E m minhas veias circula  
U m sangue de carnicheiro...  
G olfante, rubro, pullula  
N a artéria prisioneiro, -  
A rtéria que te estrangula,  
S angue mau, de cangaceiro...*

### **TEU SANGUE<sup>ix</sup>**

*S angue... sangue venenoso,  
A rroio quente, opalino,  
N o teu systema venoso...  
G olfeja! Dá-me, assassino,*

*Um banho infernal de gozo  
Em teu visco viperino!...*

Uma série de discursos compôs a imagem da modernidade chegando à Paraíba, partindo da metáfora do corpo feminino em erupção. A documentação iconográfica, os depoimentos jornalísticos, os poemas, os romances escritos a partir de 1920 fornecem ao historiador indicações topográficas sobre esse movimento tão tempestuoso. Em cada um desses discursos, uma expressão assustadora: horror ao diferente, medo da desestabilidade, admiração ao emergente, alegria da sensibilidade de libertação foram normais em cada um desses discursos. Cada um deles, principalmente os romancistas e os poetas, procuraram descrever a anatomia desse movimento antropofágico, marca do Modernismo brasileiro, que chegava comendo a carne podre do tradicionalismo e esganando a pele dos valores arqueologicamente conservados nos baús empoeirados da tradição. Perceberam, embora inicialmente de forma tímida e superficial, a química que comanda os corpos imersos no movimento moderno e provocador, fazendo o testamento do sucesso ou do fracasso, a apologia do provocante ou do antipático, interrogando a mentalidade que o constituiu.

Na década de 20, o índice de analfabetismo baixava, embora lentamente. A imprensa expandia-se e mergulhava-se nas casas da população, em especial a citadina. Não era apenas o jornal que possuía simpatia. Os cordéis contavam façanhas nos denominados "cordeis de valentia", revistas e romances documentavam o imaginário social através de histórias e de contos que despertavam a curiosidade dos leitores. Nunca, até então, a sociedade conheceu uma produção literária tão diversificada em nível regional.<sup>x</sup> Porém, nesses discursos, predominava ainda o ranço da família fabricada aos moldes do regionalismo e do casamento "sólido". Em contrapartida, surge a figura de Anayde Beiriz com um pensamento às avessas, massacrando o

*"casamento racional que unia um homem sensual e uma esposa educada no desprezo ao ato sexual, e que se baseava num código de relações em que os papéis eram cuidadosamente distribuídos entre o marido-mantenedor e a esposa-dona-de-casa; a célula mater só se sustentaria porque os machos à procura de prazer podiam então brincar (...), entregando-se a prazeres condenáveis na rua, para serem apenas adoráveis pais e esposos em casa. Se é que essa mentalidade existiu verdadeiramente, é claro que não se achará nenhuma pessoa 'respeitável' para defendê-la em público" (Charlot, 1993:17)*

#### Bibliografia

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. In: Revista Educação e Realidade. 20 (2):133-184, jul/dez 1995

BRUSCHINI, Cristina (1998) *Horizontes plurais*. Rio: Editora 34.

BURKE, Peter (1994) *A escrita da história*. São Paulo: Unesp.

BURITI, Iranilson (1997) *Gritos de vida e de morte: a construção da idéia de decadência do patriarcado rural nos discursos da Primeira República (1889-1930)*. Recife: UFPE (dissertação de Mestrado em História)

COSTA, Jurandir F. *A fraude e o verso: estudos sobre o amor romântico*. Rio: Rocco, 1998

DALLERY, Arleen B. (1997) "A política da escrita do corpo: *écriture féminine*". In: JAGGAR, Alison (org.) *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio: Rosa dos Tempos.

- FOUCAULT, M. (1993) *Microfísica do poder*. 11ª ed., Rio: Graal.
- FOUCAULT, M. (1997) *História da sexualidade – a vontade de saber*. Rio: Graal.
- FOUCAULT, M. (1999) *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- GIDDENS, Anthony (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- GUATARRI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HEILBORN, Maria Luiza. (1999) “Construção de si, gênero e sexualidade”. In: HEILBORN, M. L (org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio: Zahar.
- JOFFILY, José. (1980) *Anayde Beiriz. Paixão e morte na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: CBAG.
- LINS, Daniel (1998). *A dominação masculina revisitada*. São Paulo: Papyrus.
- LOURO, Guacira Lopes (1999) *O corpo educado*. Belo Horizonte: autêntica.
- MAINGUENEAU, D. (1996) *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes.
- MENEZES, Antônio Basílio N. T. (1998) “Foucault e as luzes da modernidade”. In: BAETA NEVES, Luiz Felipe (Org.) *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Londrina: Cefil.
- NOLASCO, Sócrates (1995) *Masculino: um dilema contemporâneo?* Rio: Rocco.
- NOVA, Cristiane (2000) *História e erotismo no cinema brasileiro*. s/r
- ORTEGA, Francisco (1999). *Amizade e estética da existência em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.
- PARKER, Richard (1999) *Corpos, prazeres e paixões*. 2ª ed., Rio: Best Seller.
- RAGO, Margareth. (1999) *Sexualidade e identidade na historiografia brasileira*. <http://www.ceveh.com/biblioteca/artigos>.
- RIBEIRO, Luiz Felipe (1997) *Mulheres em Machado de Assis: um desejo masculino*. In: Revista Ipotesi. Juiz de Fora: Eduffj, vol. 1, n. 1, p. 37-47.
- ROCHA-COUTINHO, Maria L. (1994) *Tecendo por trás dos panos*. Rio: Rocco.
- ROLNIK, Suely. (1998) *Tristes gêneros & Macho e gêmea*. In: LINS, Daniel. *A dominação masculina revisitada*. São Paulo: Papyrus, p. 63-68; 69-73.
- SCOTT, Joan W (1995) *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRS.
- TOLSON, Andrew. *Os limites da masculinidade*. Lisboa: Assírio Alvim, 1977.
- TOURAINÉ, Alain (1995). *Crítica da modernidade*. 3ª ed., Petrópolis: Vozes.
- WEEKS, Jeffrey (1999). “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica.

[i](#) Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida junto ao Doutorado em História – Universidade Federal de Pernambuco

[ii](#) Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Campus de Caicó - Doutorando em História pela UFPE

[iii](#) Em 22 de Outubro de 1928, João Pessoa assume a presidência do Estado da Paraíba, sob o signo de um discurso de moralização, de caça aos sonegadores de impostos e de acirrada perseguição aos coronéis que negociam com o vizinho Estado de Pernambuco.

[iv](#) BEIRIZ, Anayde. In: JOFFILY, José. *Anayde Beiriz: paixão e morte na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: CBAG, 1980, p. 12.

[v](#) Em 1929, quando a Paraíba vivia o clima de acirrada campanha política (Getúlio Vargas e João Pessoa concorrendo à chapa para presidência da República contra Júlio Prestes e Vital Soares) Anayde discute com uma senhora à praça Venâncio Neiva (Parahyba do Norte). Diz a senhora: “*Eu não teria filha para ser aluna de certas professorinhas...* Retruca Anayde: *Não tem filha. E se tivesse, seria com certeza de pai desconhecido*. In: Joffily, p. 31

[vi](#) Acerca da ordem, da lei e da norma, verifique FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

[vii](#) Cristel é um vocábulo popularmente usado como sinônimo de supositório.

[viii](#) Dantas, João. *A União*, 27 de julho de 1930.

[ix](#) Beiriz, Anayde. *A União*, 27 de julho de 1930

[x](#) Acerca do crescimento da produção literária e da sua “invasão” aos lares brasileiros, confira a obra de CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*.